

## PRECONCEITO NO AMBIENTE ESCOLAR: RELATOS DE UMA ADOLESCENTE TRANSEXUAL

Nadyne Pereira de Alencar Araujo (1); Priscila Dantas Fernandes (2)

(1) *Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: nadyne.alencar@hotmail.com;* (2) *Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: p.d.fernandes01@gmail.com*

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo apontar práticas de transfobia escolar e suas devidas consequências. A base teórica utilizada para desenvolver o assunto foi inspirada em Audad (2006), Bento (2008), Carvalho (2009), Ferreira (2009), Junqueira (2009), Santana (2017), entre outros. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso, na qual realizamos uma entrevista semiestruturada com uma aluna transexual de uma instituição pública de ensino. No desenvolvimento do texto, explicamos as características do modelo da sociedade brasileira, o comportamento da família em relação as questões de gênero e o posicionamento da escola enquanto instituição de ensino que promove o desenvolvimento da aprendizagem e deve contemplar a diversidade, os direitos humanos, a multiculturalidade, entre outras questões que se dizem respeito à educação. Em seguida, abordamos a questão de gênero com seu significado no minidicionário Aurélio e o conceito assumidos pela sociedade. Mencionamos também a diferença entre identidade de gênero e orientação sexual, afim de esclarecer possíveis dúvidas relacionadas ao tema. Posteriormente, ressaltamos as várias definições e nomenclaturas dadas as pessoas transexuais assim como as suas diversas lutas enfrentadas perante a sociedade, incluindo violência, falta de atendimento médico, negação de direitos básicos entre outros. Assim, os resultados da pesquisa contribuem para evidenciar que na escola, lugar onde deveria promover uma educação de qualidade, que forme indivíduos prudentes, solidários, que respeitem e valorizem a diversidade humana, se torna um ambiente que tenta excluir pessoas não as tratando igualmente, privando de direitos básicos e reforçando a ideia de preconceito e padronização de culturas imposto pela sociedade tradicional que internaliza parâmetros sexistas.

**Palavras-chave:** Educação, Gênero, Preconceito.

### Introdução

O modelo de comportamento que a sociedade assume como ideal é extremamente padronizado. Antes mesmo das pessoas nascerem já definem rótulos. Se a criança for menino vai gostar de azul, torcer para o flamengo, jogar futebol, marrento e namorar todas as meninas da escola. Se for menina, tem que ser meiga, gostar de rosa, fazer ballet, adorar as princesas da Disney, ser quietinha e boazinha.

Reforçar esses preconceitos que a sociedade impõe faz com que se torne mais difícil conviver com o outro de forma agradável, afinal, ser menino ou menina não se restringe a essas características tão pobres da nossa cultura. Percebe-se que estamos nos referindo a questão de gênero e não foi preciso falar de gay, trans, hétero.

Falar sobre gênero é mencionar aquela menina que quer jogar futebol e vai ser barrada porque futebol não é coisa de mulher. Ou saber lidar com aquele menino que quer fazer dança, teatro, mas não pode, afinal isso é coisa de menina. Se em casa esse comportamento foge um pouco desse "padrão" da sociedade já é visto com maus olhos; na escola, onde a criança deveria

ser acolhida, compreendida e ensinada a se amar, se aceitar e aceitar os outros, muitas vezes é lá que elas são repreendidas por serem diferentes. Realmente não é tarefa fácil lidar com questões de gênero e sexualidade dentro da escola principalmente quando isso é direcionado as crianças.

A questão é que a longo prazo isso vai sendo tão prejudicial e acabamos nem percebendo. Criamos seres humanos cada vez mais distantes um do outro, já começamos a desunir as pessoas desde quando elas ainda estão bem pequenas, então a menina cresce e se casa com um marido que não lava a louça porque isso não é coisa de homem, ou com uma mulher que não quer aprender a trocar um pneu porque isso não é coisa de mulher, essas pessoas cresceram ouvindo dizer que tais coisas não são do gênero delas.

Assim sendo, Carvalho e Tortato (2009, p. 29) esclarecem que "[...] não há características restritas ao feminino ou ao masculino, não há como considerar habilidades ou dificuldades próprias de mulheres ou de homens, as características são construídas ao longo da experiência vivida, independente do sexo".

Falar sobre gênero vai muito além da homofobia, essa é apenas uma parcela dessa questão. Discutindo gênero também se fala de sexismo, machismo, sexualidade e todos esses tabus que surgem no cotidiano, mas que a família tradicional brasileira finge que nada está acontecendo. Alguém precisa estar preparado para instruir e esclarecer sobre tudo isso, ninguém melhor do que nossos professores. Essa questão se refere aos direitos humanos, buscando igualdade e respeito para toda sociedade.

O presente texto tem como objetivo apontar práticas de transfobia escolar e suas devidas consequências e está estruturado em quatro tópicos. Inicialmente, apresentamos as questões que se referem ao modelo de família brasileira com suas características, valores e mudanças, associando seu comportamento a posição da escola quanto as questões de gênero. Depois, abordamos de forma mais aprofundada o conceito de gênero, buscando entender melhor esse universo. Posteriormente, apresentamos e discutimos os dados e finalizamos com as considerações.

### **Relação escola-família**

Uma esposa loira, rica, magérrima, branca, hetera e seu marido trabalha enquanto ela obriga os empregados a cuidarem da casa. Os dois filhos estão na escola particular, de ballet, música e ela nunca os vê. Vai a igreja aos domingos antes de aplicar seu botox. Essa é a feliz família tradicional brasileira.

Qual o conceito de família? O que podemos dizer que é uma família hoje em dia? A maioria das pessoas consideram uma família aquelas pessoas mais próximas, que convive diariamente, tem um laço muito íntimo de amor e fraternidade. Esses laços afetivos são muito bonitos para descrever o ideal de família, mas não podemos ficar só no campo das ideias. Qual seria a estrutura da família ideal? Qual o papel do filho? Qual o papel da mulher? Qual o papel do pai? É preciso ter um pai? Será que é preciso ter uma mulher na família? E a família sem filho, não é família? Ter filho homossexual é um desgosto? E quando uma família se desfaz e forma outra? Considero essas questões uma afronta à família tradicional afinal, assusta hoje em dia percebermos que existem tantas configurações de família que já não temos mais o referencial daquilo que é ideal. É por isso que vem à tona essa grande polêmica que é a família tradicional brasileira.

Percebemos que o que era tradição (pai trabalhar fora, mulher dona de casa e obediente, pai esforçado e ausente) essa estrutura já não funciona mais para a maior parte das construções familiares. Isso tudo coloca em questão os valores conservadores, então analisamos que essa história da família tradicional já não tem mais tanto haver com valores que as crianças possam estar perdendo, mas sim com a insegurança que os homens têm hoje em dia em não saber qual é seu papel e qual será o seu futuro. Tem a ver com o real papel do homem na modernidade, principalmente a partir dos anos 60 quando a mulher começa a decidir que já não quer mais ter tantos filhos e deseja trabalhar.

A mulher se tornou um papel importante e fundamental na construção do lar, já não se resume em apenas obedecer. Há um número crescente nas famílias brasileiras que são chefiadas por mulheres sem marido, ou seja, só elas cuidam de toda a casa, até mesmo em alguns lares onde tem pai e mãe juntos, a renda principal é da mulher. Portanto, é possível verificar que já não existe mais um padrão da família tradicional. Os movimentos em favor desse modelo tradicional de família são chamados conservadores justamente porque eles querem conservar o poder em uma pequena minoria afim de acabar com a liberdade de escolha.

Diante dessas mudanças que avançam rapidamente na sociedade, a escola não tem conseguido acompanhar o ritmo de informações que crescem em larga escala. Embora haja um grande esforço de profissionais da educação em buscar novas formas de atrair a atenção do aluno na sala de aula, ao se deparar diariamente com diversas situações delicadas não há imediato um posicionamento adequado.

A maneira como a família direciona a construção do sujeito tem impacto considerável em sua compreensão de mundo. Ao chegarem no ambiente escolar, meninas e meninos já percorreram um caminho social de convivência e incorporação dos

valores de sua cultura. É na sociedade que as características sexuais são construídas e representadas. Eles sabem a que gênero pertencem e, na maioria das vezes, o que se espera deles nos papéis feminino e masculino. Em muitos casos, estão convictos das velhas concepções preconceituosas sobre o homem e a mulher, construídas com base nas diferenças de sexo. Sabem até mesmo quais são os "brinquedos de menina" e os "brinquedos de menino".

A escola reflete essa ideia sexista reproduzindo com frequência as estruturas sociais revestidas de preconceito e privilégios de um sexo sobre o outro, colaborando para a construção da identidade sexual das meninas e dos meninos.

[...] observa-se que na escola se aprende a diferença, e que historicamente a escola tende a colocar para fora os sujeitos que resistem a normatização de suas identidades sexuais e de gênero a partir de padrões hegemônicos, assim como também exclui quando tratam de identidades raciais ou de classes desvalorizadas socialmente [...] (SANTANA; CRUZ, 2017, p. 387).

A respeito desse assunto, Junqueira (2009) levantou questões importantes a serem consideradas e debatidas afim de tratar a questão de gênero no âmbito escolar de forma adequada:

O que dizer a ele ou a uma turma geralmente hostil? O assunto deve ser levado a pais e mães? E, quando sim, de que modo? Como se comportar quando uma criança declara, em sua redação, seu afeto por um/a colega do mesmo sexo? A troca de gestos de carinho entre estudantes de mesmo sexo ou alterações no modo de se vestir, falar, gesticular devem receber algum tipo de atenção particular? É legítimo o pedido de uma pessoa para não ser chamada pelo seu nome do registro civil, mas por um nome social de outro gênero? Como lhe garantir acesso a cada espaço da escola e tratamento adequado por parte da comunidade escolar? É possível abordar temáticas relativas aos direitos das pessoas LGBT nas reuniões entre docentes? Como introduzir tais questões no currículo escolar de uma maneira não heteronormativa? Que medidas podem ou devem ser adotadas em defesa das prerrogativas constitucionais do profissional homossexual, travesti ou transexual? Que fazer quando em uma daquelas reuniões de “pais e mestres” comparecerem duas mães ou dois pais para discutir a situação de um mesmo aluno ou aluna? E se um deles é travesti ou transexual? Por isso, é inquestionável a importância de medidas voltadas a oferecer, sobretudo a profissionais da educação, diretrizes consistentes; a incluir de modo coerente tais temas na sua formação inicial e continuada; bem como a estimular a pesquisa e a divulgação de conhecimento acerca da homofobia, da sua extensão e dos modos de desestabilizá-la (JUNQUEIRA, 2009, p.34-35).

A escola é um espaço de onde emanam ideias, dúvidas, hipóteses e tentativas que objetivam encontrar respostas. Promover o debate e o diálogo do tema talvez seja um caminho próspero. É tarefa da escola fazer com que alunos e alunas reflitam sobre seus sentimentos e emoções diante de conflitos interpessoais, desconstruindo preconceitos de gênero e contribuindo para a construção de novos modelos de relação entre homens e mulheres pautados em princípios de igualdade e justiça. Nesse sentido, "[...] a instituição escolar pode e deve contribuir para uma educação cidadã e libertadora que contemple a dimensão sexual, a diversidade, os direitos humanos e a multiculturalidade" (FERREIRA; LUZ, 2009, p. 38).

Não basta que professoras e professores ajam em sala de aula tratando igualmente meninas e meninos nas discussões deste e de outros temas, porque isso não será suficiente para provocar as mudanças que são necessárias, ainda, na desigual relação entre os gêneros. Tentar manter uma neutralidade no tratamento desse tema pode significar fortalecer modelos de conduta, sistemas de pensamento e atitudes sexistas.

É necessário trazer para o interior da escola as reflexões e discussões sobre os papéis que a sociedade atribui a cada sexo para que professores e alunos descubram as limitações a que estaremos sujeitos se nos submetemos aos estereótipos de gênero. É preciso que meninas e meninos percebam que sua conduta não tem nada a ver com capacidades inatas, nem naturais, mas foram construídas socialmente e reproduzem os modelos de conduta existentes.

Educar pessoas não é, portanto, uma simples técnica, amparada por dados científicos, bem "amarrada e arrumadinha" em um atraente e colorido manual. Educar homens e mulheres, para uma sociedade democrática e igualitária, requer reflexão coletiva, dinâmica e permanente [...] (AUDAD, 2006, p. 14).

É desta forma que se quer provocá-los a ver o outro, a ver a diversidade, não a partir de um único ponto de vista, mas por vários prismas diferentes. O desafio é grande: tentar nos desnudar de nossos valores, crenças, costumes e verdades buscando outras possibilidades de ver e analisar a realidade.

### **Gênero e educação**

O conceito de gênero vai além dos padrões biologicamente definidos para distinção dos sexos masculino/feminino, visto que ninguém é naturalmente homem ou mulher e estes significados são socialmente construídos através do processo educacional que molda as identidades de sexo e gênero. No minidicionário Aurélio, a palavra gênero tem por definição:

Agrupamento de indivíduos, objetos, etc. que tenham características comuns. Classe, ordem, qualidade, modo, estilo. A forma como se manifesta, social e culturalmente, a identidade sexual dos indivíduos. Categoria que classifica os nomes em masculino, feminino e neutro (FERREIRA, 2008, p.430-431).

Portanto, identidade de gênero é diferente de orientação sexual, ela consiste no modo como o indivíduo se identifica, como se reconhece: homem, mulher, ambos ou nenhum dos gêneros. É a maneira como a pessoa se sente e se percebe, é a forma como deseja ser reconhecida por outras pessoas. Já a orientação sexual significa por quem o indivíduo sente atração, desejo, por homens, mulheres, ou nenhum dos dois. Ou seja, "[...] o gênero também é considerado como constitutivo da vida social, está presente em todos os aspectos da vida social e assume conteúdos específicos em contextos particulares" (CARVALHO; TORTATO, 2009, p. 28).

Sabendo que somos socialmente construídos, Santana e Cruz esclarecem que

[...] não é difícil concluir que a teoria de gênero vem sendo edificada historicamente por meio da cultura, do social, da vida e dos pensamentos das pessoas. Do mesmo modo, as relações de gênero são baseadas na dominação e no poder exercido pelos sexos, cujo convívio, na maioria das vezes, é o homem que conduz (SANTANA; CRUZ, 2017 p. 398).

Há várias nomenclaturas dadas a um cidadão transgênero ou trans. Ele pode identificar-se como homem, mulher, trans-homem, trans-mulher, terceiro gênero, dois-espíritos, travesti, entre outros. Pessoas trans podem ter qualquer orientação sexual, incluindo heterossexual, homossexual, bissexual e assexual. Tomemos como exemplo alguém que nasceu com órgãos femininos, porém a identidade de gênero a qual se identifica é masculina, teremos um trans homem, no entanto, este cidadão começa a se interessar por outros homens e a partir daí será identificado como um trans homossexual.

Muitos desejam ter seu nome social e gênero legalmente reconhecidos e registrados nos documentos de identidade oficiais. Muitas delas também alteram sua aparência física, incluindo o modo de vestir, de forma a afirmar ou expressar sua identidade de gênero. Outros se submetem a cirurgias de redesignação de gênero e/ou terapia hormonal.

Em todas as partes do mundo, pessoas trans estão em maior risco de sofrer violência, assédio e discriminação. Violações de direitos humanos vão de bullying e abuso verbal à negação de assistência médica, educação, trabalho e moradia, à criminalização, prisão e detenção arbitrária, à violência, lesão corporal, tortura, estupro e assassinato. A exposição a esses e a outros abusos pode ser intensificada por outros fatores, tais como idade, etnia, ocupação, classe socioeconômica ou deficiência.

Todos têm direito de serem reconhecidos como pessoas diante da lei. As trans ao reconhecimento de sua identidade de gênero e à adequação do gênero em documentos oficiais, incluindo certidões de nascimento, sem que sejam sujeitas a requisitos rigorosos ou abusivos. No entanto, esse direito é violado em todas as regiões, vários países negam às pessoas trans qualquer possibilidade de obter o reconhecimento legal de sua identidade de gênero. Muitos daqueles que possibilitam o reconhecimento legal sujeitam indivíduos trans a preencher inúmeros requisitos para que tenham sua identidade reconhecida - incluindo esterilização, submissão a tratamento ou cirurgia de redesignação de gênero.

Ser trans é parte da rica diversidade da natureza humana. Ser diferente não deve ser compreendido como um transtorno. Crianças e adultos trans são frequentemente diagnosticados como doentes, com base em sua identidade ou expressão de gênero. Como resultado da violência, da discriminação e falta de acesso a serviços de saúde, pessoas trans apresentam resultados mais baixos de saúde física e psicológica do que a população geral. O preconceito e a falta de treinamento entre os profissionais da área da saúde contribuem para esse problema.

### **Metodologia, Resultados e Discussão**

Ao observar o comportamento de uma aluna em determinada escola, chamou atenção a forma como seus colegas se dirigiam ao falar com ela e a maneira como sofria diante das ocorrências. Foi então que conseguimos nos aproximar aos poucos e ouvir suas batalhas diárias.

Assim, a pesquisa foi realizada mediante entrevista semiestruturada que se caracteriza como flexível, onde podem ser exploradas e abordadas outras questões além daquelas que foram inicialmente definidas, sendo aberta ao diálogo. É uma pesquisa qualitativa cujo propósito não é contabilizar quantidades como resultado, mas entender certos comportamentos, do tipo estudo de caso, que tem como base analisar um indivíduo para entender a forma e os motivos que levaram a determinada decisão e responder certos questionamentos (FERREIRA; SILVA, 2015). As questões foram relacionadas a vivência escolar, dificuldades encontradas durante a transição, no dia a dia e a relação com a família.

A participante da pesquisa foi Samantha<sup>1</sup> que possui 19 anos de idade, é estudante de uma escola pública situada em Aracaju/SE. Ela se descobriu transgênero a partir do momento em que eu não se identificou com o ser que nasceu, no período de sua adolescência entre os 12 e 13 anos e já se sentia diferente das outras pessoas. Mas, somente aos 18 anos, teve uma

---

<sup>1</sup> A aluna autorizou publicar seu nome.

conversa com sua mãe que deu toda força e apoio, então surgiu coragem para dar início a sua transição.

Samantha não teve uma conversa clara com todos os seus familiares. Mora com a mãe, a irmã, o cunhado e dois sobrinhos e todos foram totalmente naturais. Ela se considerou uma sortuda, uma felizarda por ter obtido o apoio necessário em tudo de sua mãe.

Na escola, Samantha encontrou problemas com o banheiro feminino, brincadeiras indevidas com alguns insultos e piadas por parte de alguns colegas além de ter bastante dificuldade de encontrar emprego pelo fato de não ter trocado o nome na documentação. Contou que enfrenta dificuldades todos os dias, porque que a luta é diária, principalmente no mercado de trabalho.

Para utilizar o banheiro feminino na escola, foi exigida que levasse um documento confirmando ser uma mulher. No entanto, Samantha declarou que isso não existe porque não é necessário comprovar o que é. Além disso, contou que alguns professores insistem em chamá-la pelo masculino, sem contar nas brincadeiras "idiotas" dos meninos. Segundo Louro (1999, p. 30 apud JUNQUEIRA, 2009, p. 30),

[...] sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém “assuma” sua condição de homossexual ou bissexual. Com a suposição de que só pode haver um tipo de desejo e que esse tipo – inato a todos – deve ter como alvo um indivíduo do sexo oposto, a escola nega e ignora a homossexualidade (provavelmente nega porque ignora) e, desta forma, oferece muito poucas oportunidades para que adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. O lugar do conhecimento mantém-se, com relação à sexualidade, como lugar do desconhecimento e da ignorância.

Ela falou que se sente muito mal diante dos fatos, mas sempre procura deixar para lá, não dar muita bola para isso. Recorreu a meditação e aos seus amigos, que sempre a ajudam muito senão fica bastante estressada, o tempo todo.

Samantha retomou a proibição no uso do banheiro ao lembrar que houve uma aluna que disse estar constrangida com a presença dela, mas Samantha afirmou que a aluna nunca viu suas partes íntimas porque sempre fecha a cabine e acrescenta: "O que me deixou mais triste foi que ela queria me excluir de tudo do banheiro e me colocar no banheiro dos professores como seu eu fosse anormal sendo que não, eu sou uma pessoa normal".

Enquanto a isso, Santana e Cruz fazem uma observação importante:

A identidade homossexual é vista como um estigma, uma marca que deve ser removida, a ela é imputada o desvio, a margem, o



erro, a anomalia, a falha a ser corrigida e abominada, necessitando de enquadramento na lei e na ordem numa tentativa de supostamente fazer o desviante voltar à (re) assumir a identidade “normal” (SANTANA; CRUZ, 2017, p. 397).

A transfobia também ocorre nas ruas, as pessoas a olham diferente, falam coisas desnecessárias, fazem piadas inconvenientes. Afirmou que a luta é diária contra a prostituição, tenta se manter em casa com a ajuda da mãe, da irmã e do cunhado.

Informou que já foi de tudo nessa vida, passou 4 anos sendo drag queen e considera algo maravilhoso. Disse que identidade de gênero é muito diferente de uma fantasia como mostra a novela (A forçado querer). Afirmou que a novela exhibe algo artístico, é apenas uma expressão, mas identidade de gênero é como você se vê, são coisas muito diferentes, mundos diferentes, porém se tornam bem legais porque ajudam a encarar muita coisa.

Como drag, sempre teve uma relação tranquila com seus amigos, por isso falou que foi escolhida embora nem todos tenham essa sorte pois, segundo ela, 90% da população trans está compulsoriamente na prostituição e apenas 10% consegue o apoio da família, vivendo essa luta diária de não entrar nessa vida, estudando, dando seu jeito. Há muitos casos de agressão na prostituição e vários de seus amigos já passaram por isso, até mesmo uma simples pessoa que esteja passando na rua vai dar um jeito de diminuí-los.

As descobertas e as experimentações sexuais vividas na adolescência, por menos repressivo que seja o contexto em que se dão, não costumam ser encaradas com muita tranquilidade. Evidentemente, as dificuldades de se viverem as homossexualidades nesse período podem ser ainda maiores. Poucos/as jovens se sentirão à vontade para se exporem e, não raro, muitas dessas pessoas enfrentarão processos de profunda negação de sua orientação sexual. Com isso, alimentarão as lógicas de invisibilização e, involuntariamente, reforçarão as crenças alimentadas pelo “princípio da presunção da heterossexualidade (JUNQUEIRA, 2009, p. 31).

Ao apontar mais um caso de transfobia, ela disse que ao ir fazer um cadastro para jovem aprendiz no CIEE, o rapaz a tratou de uma forma e quando pegou seus documentos foi totalmente diferente, acredita que nem se quer chegou a fazer seu cadastro pois pegou apenas seu número de telefone e não pediu e-mail, endereço, dentre outras informações e aponta que o atendimento não durou nem 5 minutos. Também afirmou que essa foi uma experiência que a deixou bastante constrangida, mas isso não apagou seu desejo de lutar.

Ao final da entrevista, Samantha faz um pedido: "Respeitem as diferenças porque ser diferente é normal. Eu acredito muito nisso". Diante da fala de Samantha percebemos que ela

faz parte de uma minoria de trans que são aceitos na família sem preconceito, porém, a luta dela continua fora de casa, diante da sociedade e principalmente no ambiente escolar.

### **Considerações finais**

Enfrentar o preconceito todos os dias não é tarefa fácil, e quando não se tem nenhum apoio por perto, a quem recorrer? Buscar ajuda com outras pessoas trans e entender o que fazer para encarar as dificuldades encontradas geralmente é uma opção. É difícil conseguir romper com a barreira do preconceito já que vivemos num modelo de sociedade tão padronizada e individualista.

Para muitos, a alternativa é seguir o caminho da prostituição já que as oportunidades de emprego se fecham com maior probabilidade. No entanto, ficam muito mais vulneráveis à violência, abusos, doenças e exclusão de vários serviços básicos. Na cidade de Aracaju não há uma assistência médica gratuita a pessoas transgênero, algo que chama atenção porque se tratam de seres humanos. A única instituição que atende a essa população é um ambulatório criado pelo hospital universitário que mesmo assim, não disponibiliza de todos os serviços necessários.

De acordo com os dados apontados, podemos perceber que há um longo caminho a percorrer em busca da igualdade. Acreditamos que se pararmos de olhar o outro com menos individualismo e julgamento, será possível entender as relações sociais e conduzi-las de forma mais adequada.

Entender essas questões vai além de respeitar e tolerar a convivência, é necessário apoiá-los no que for preciso, já que esse é um caso de direitos humanos, liberdade de escolha, e acima de tudo de justiça. Portanto, esperamos poder um dia olhar para a questão de gênero e perceber que algo mudou para melhor, que a sociedade acolheu aqueles que assumiram sua verdadeira identidade e não são mais tratados como "anormais" e sim, como seres humanos que merecem respeito.

### **Referências**

AUDAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2006.

BENTO, Berenice Alves de Melo. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

CARVALHO, Marta Gomes de; TORTATO, Cíntia de Souza Batista. Gênero: considerações sobre o conceito. In: LUZ, Nanci Stancki da; CARVALHO, Marília Gomes de; CASAGRANDE, Lindamir Salete (Org.). **Construindo a igualdade na diversidade: gênero e sexualidade na escola**. Curitiba: UTFPR, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: o minidicionário da língua portuguesa**. 7. ed. Curitiba: Positivo; 2008.

FERREIRA, Beatriz Maria Ligmanovski; LUZ, Nanci Stancki da. Sexualidade e gênero na escola. In: LUZ, Nanci Stancki da; CARVALHO, Marília Gomes de; CASAGRANDE, Lindamir Salete (Org.). **Construindo a igualdade na diversidade: gênero e sexualidade na escola**. Curitiba: UTFPR, 2009.

FERREIRA, Flavia Magela Rezende; SILVA, Eliane Loschi da. **O estudo de caso, a observação e a entrevista nas pesquisas em educação**. In: Anais do Colóquio Internacional Educação, Cidadania e Exclusão, 4, 2015, Rio de Janeiro. p. 2-7.

JUNQUEIRA, Rogerio Diniz. **Homofobia nas Escolas: um problema de todos**. In: JUNQUEIRA, Rogerio Diniz. (Org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

SANTANA, Anabela Mauricio de; CRUZ, Maria Helena Santana. **Gênero e sexualidade na escola**. pg 374-402. In: SOARES, Ilma Maria Fernandes; ALMEIDA, Márcia Tereza Fonseca; SILVA, Renato Martins e. (Org.). **Temas em debate**. Rio de Janeiro: Dictio Brasil, 2017. (Série Ciclos Educacionais vol. II).